



MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA PRODUÇÃO DE MELANCIA NO MUNICÍPIO DE URUANA-GO

Diôgo Rodrigues da Silva¹

RESUMO

Este trabalho analisa as condições de trabalho e de reprodução da força de trabalho empregada no cultivo da melancia em Uruana, a partir de estudos voltados para as consequências da modernização da agricultura no Cerrado, no Estado de Goiás e na Microrregião de Ceres onde se localiza Uruana. O principal objetivo é entender as transformações socioeconômicas ocasionadas pela produção de melancia no município. Foram utilizados roteiro de entrevistas que tratou das características do processo de produção, organização do trabalho, cotidiano na lavoura de melancia e informações sobre a substituição de culturas agrícolas por parte dos arrendatários, oleicultores e prefeitura municipal de Uruana-GO. Houve uma discussão sobre o conceito e o uso das técnicas da história oral de vida, utilizando essa técnica se desenvolveu a investigação de experiências de trabalhadores da melancia. Para a construção da pesquisa foram selecionados trabalhadores jovens e adultos, para uma análise minuciosa de suas vivências na produção de melancia.

Palavras-chave: Modernização da agricultura, Produção de melancia, relações de trabalho.

RESUMEN

Este trabajo analiza las condiciones de trabajo y reproducción de la mano de obra empleada en el cultivo de sandía en Uruana, a partir de estudios enfocados en las consecuencias de la modernización de la agricultura en el Cerrado, en el Estado de Goiás y en la Microrregión de Ceres donde se ubica Uruana. El objetivo principal es comprender los cambios socioeconómicos provocados por la producción de sandía en el municipio. Se utilizó un guión de entrevista que abordó las características del proceso productivo, la organización del trabajo, la vida cotidiana en el cultivo de la sandía y la información sobre la reposición de cultivos agrícolas por parte de los arrendatarios, olivieros y el gobierno municipal de Uruana-GO. Hubo una discusión sobre el concepto y uso de técnicas de historia de vida oral, utilizando esta técnica para investigar las experiencias de los trabajadores de la sandía. Para la construcción de la investigación se seleccionaron trabajadores jóvenes y adultos para un análisis detallado de sus experiencias en la producción de sandía.

Palabras clave: Modernización de la agricultura, producción de sandía, relaciones laborales.

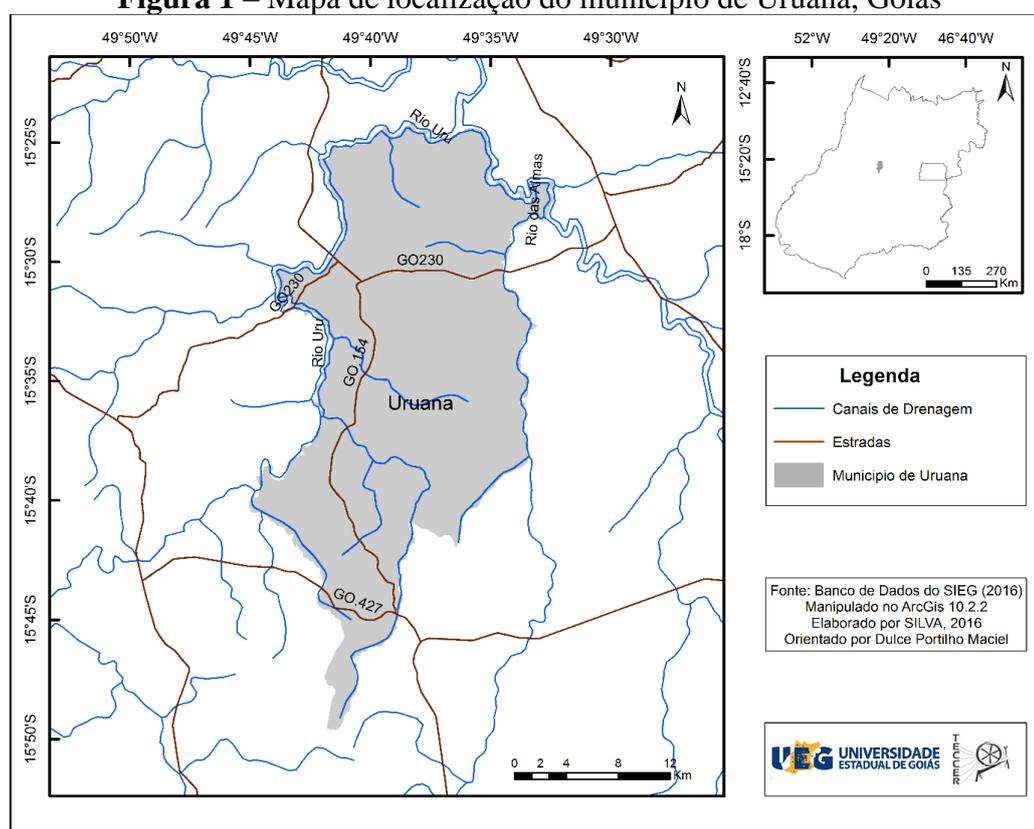
INTRODUÇÃO

O município de Uruana se localiza no Estado de Goiás, na mesorregião do Centro Goiano e microrregião de Ceres, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e

¹ Doutorando em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí, diogo.rodrigues@discente.ufg.br.

Estatística - IBGE (2010), o município possui 13.826 habitantes e uma extensão territorial de 522.506 km² (figura 1), “foi fundada em 1938, no local onde um ano antes foi levantado um cruzeiro, por José Alves de Toledo [...]” (IBGE, s.d.) o fundador da cidade que no dia 20 de janeiro de 1940 “depois de construir uma ponte sobre o Rio Uru, para facilitar o escoamento da produção, fez doação de alqueires de terras de sua fazenda à Arquidiocese de Goiás para a formação do patrimônio” (IBGE, s.d.). Macêdo (2001, p. 59) destaca que “no contexto da fronteira econômica em Goiás, a cidade de Uruana surge concomitantemente com o avanço da frente pioneira do Mato Grosso Goiano, com uma família oriunda do Estado de Minas Gerais”.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Uruana, Goiás



Fonte: Banco de Dados do SIEG (2016). Elaboração: o autor

Ao tratar das atividades econômicas de Uruana, destaca-se a agricultura com a produção de melancia, que é desenvolvida por pequenos e grandes produtores e pela agricultura familiar. Em um curto período Uruana passou a se destacar na produção de melancia, a ponto de ocupar a primeira posição no ranking de produção de melancia no país. Apesar de a maior exploração da terra em Uruana estar ligada às plantações de melancia, ao longo do tempo o município vem conservando o plantio de arroz, feijão e milho, e mais recentemente surgiu a produção de cana-de-açúcar. A pecuária também está presente na



composição econômica do município, nesse ramo podemos destacar o gado de corte e de leite. Além disso o giro da economia abrange o comércio e o setor de serviços.

O antagonismo entre o capital e o trabalho constituem um importante temática a ser pesquisada e entendida quando tratamos de estudos sobre a precarização do trabalho. A partir desse contexto se faz necessário compreender os paradigmas da modernização agrícola, principalmente em relação à produção de melancia no município de Uruana/GO.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as dinâmicas territoriais decorrentes do processo de expansão do cultivo de melancia no município de Uruana – Goiás. Além disso, buscou estudar o processo de modernização do cultivo de melancia no município de Uruana, investigar o papel desempenhado pelo Estado nas intervenções realizadas em territórios do Cerrado (em especial no município de Uruana) e analisar as condições de trabalho e de reprodução da força de trabalho empregada no cultivo de melancia.

METODOLOGIA

Para a elaboração do presente estudo diferentes técnicas de pesquisa foram utilizadas, de modo combinado, com o objetivo de caracterizar e responder ao problema da pesquisa. Em princípio efetivou-se a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias a fim de consultar fontes relacionadas ao assunto em estudo. Para (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 166) “[...] abrange a bibliografia tornada pública, até então sobre o tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc.[...]”.

Como técnicas da pesquisa qualitativa se aplicará neste estudo a observação direta, com a visita a lavouras de melancia e a realização de registros fotográficos desses locais. Na abordagem da pesquisa quantitativa serão aplicados roteiros de entrevistas. Além desses dados, haverá coleta na base em dados de fontes secundárias oriundos de fontes tais como: IBGE, Instituto Mauro Borges (IMB) / Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (SEPLAN/ SEGPLAN). São fundamentais as pesquisas no Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Periódicos Capes, Scielo, bibliotecas depositárias de Instituições de Ensino Superior, além de outras informações para apresentar as principais características dessa microrregião de Ceres.



Levantamento de informações sobre a expansão do agronegócio de melancia e seus reflexos no meio socioeconômico, a partir do trabalho de autores que realizam pesquisas na área e sua expansão no Cerrado, Goiás e Uruana.

História oral de vida, em relação à qual foram utilizados roteiros que trataram das características do processo de produção, organização do trabalho, cotidiano na lavoura de melancia e informações sobre a substituição de culturas agrícolas por parte dos arrendatários, oleicultores e prefeitura municipal de Uruana-GO.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estudar as experiências e memórias é fundamental para conhecer o cotidiano dos trabalhadores da melancia do município de Uruana diante da modernização agrícola ocorrida a partir da década de 1970. Também para entender como esses indivíduos reconhecem suas formas de trabalho, afinal, conforme observou Santos (2014, p. 160): “[...] O homem que trabalha no campo, seja o servo da gleba, seja o boia-fria vivendo na cidade, reconhece sem dificuldade o seu laço direto com a propriedade e o proprietário numa relação de trabalho desigual”. Além desse aspecto é importante também conseguir extrair desses trabalhadores os seus planos, caso sejam eles pautados numa mudança de realidade, que se relacionaria com o abandono da sua relação com o agronegócio de melancia.

A compreensão da realidade dos trabalhadores da melancia, ancora-se na metodologia de história oral de vida, uma vez que para conhecer esses indivíduos e suas relações de trabalho nas lavouras de melancia espalhadas pelo território do município em questão, faz-se necessário conhecer como é o seu dia a dia, como era o trabalho na lavoura de melancia antes do impacto ocasionado pela modernização agrícola, como é a relação trabalhador e empregado e conhecer como é o cotidiano desse trabalhador junto a família.

Foi pautado nesse aspecto que essa pesquisa sobre os trabalhadores da melancia do município de Uruana foi desenvolvida. Os passos exemplificados foram seguidos e a primeira ação antes do início dessa trajetória de investigação acadêmica foi a elaboração do projeto, que na história oral, conforme abordado por Meihy e Holanda (2015), é primordial para alcançar o sucesso da pesquisa. Na opinião das autoras:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição dos locais, tempo de duração e demais fatores



ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY & HOLANDA, 2015, p. 15).

O projeto que deu início a pesquisa com os trabalhadores da melancia foi construído de maneira exploratória, baseado nos pilares a serem seguidos por essa metodologia inovadora. Primeiro realizou-se um panorama de forma empírica sobre o cotidiano desses indivíduos a serem pesquisados, verificou-se a possibilidade de colher esses depoimentos e a disponibilidade dos narradores e do pesquisador. Na construção dessa etapa houve um primeiro contato com esses trabalhadores e através de conversas informais foi traçada uma visão ampla da realidade a ser pesquisada e dos indivíduos que são os atores centrais desse estudo.

Mais adiante foi definido a quantidade de indivíduos que seriam entrevistados, a faixa etária dos mesmos e sua função na lavoura de melancia. Fizemos a opção por recolher as entrevistas de vinte indivíduos, de faixa etária variada, porém priorizando quem tinha mais tempo de trabalho na melancia, fossem eles peões ou cargueiros².

A referida pesquisa foi pautada na utilização da história oral por diversos motivos, sendo o primeiro deles o fato de que os trabalhadores da melancia do município de Uruana ainda não tinham nenhuma investigação feita acerca do seu cotidiano, nesse aspecto a metodologia utilizada poderia contribuir de forma mais palpável, pois conforme define Alberti (2013, p. 22) “O importante é não esquecer que a contribuição da história oral é sempre maior naquelas áreas pouco estudadas da vida social em que predominam zonas de obscuridade, seja no estudo das elites, seja das grandes massas”. O segundo motivo pensado foi o intuito de dar ouvidos a quem nunca tinha sido escutado, compreender os sentimentos e realidades desses trabalhadores. Nesse momento também foi definida a utilização de outro gênero que compõe a história oral, a “história oral de vida”, essa escolha justificou-se “porque as histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala” (MEIHY & HOLANDA, 2015, p. 35). Essa definição reflete o que foi pensando no momento da elaboração do roteiro de entrevista que foi aplicado aos trabalhadores da melancia.

Apesar de a história oral possuir expressividade e vários gêneros que podem ser utilizados em diferentes pesquisas, Meihy e Holanda (2015, p. 33) contextualizam que

² Na linguagem dos produtores os peões são os colhedores dos frutos na lavoura e os cargueiros são os que empilham ou acondicionam os frutos sobre o caminhão (MACEDO, 2001, p. 203).



“basicamente, há três gêneros distintos em história oral: 1) história oral de vida; 2) história oral temática; 3) tradição oral”. Diante dos gêneros apresentados, o que melhor propiciaria alcançar os objetivos desejados com o desenvolvimento deste estudo era a história oral de vida. Sobre sua aceitação acadêmica Meihy e Holanda (2015, p. 37-38):

Por uma ou outra via, contudo, tem-se um leque de aceitação enorme, que tanto permite aos leitores de literatura como aos estudiosos da área de humanidades e mesmo ciências clínicas se aproximarem das histórias de vida. Nessa direção, o acréscimo de “oral” às histórias de vida é um ganho permitido pela junção da aparelhagem eletrônica com os procedimentos que se enfeixam nos critérios da investigação em história oral.

A criação do roteiro de entrevista, utilizando esse gênero da história oral se justifica porque conforme definição de Pereira (2000, p. 118): “a história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete”. Para realizar essa intermediação foi preciso construir um roteiro que permitisse a interlocução e levasse um aprofundamento a respeito do cotidiano do trabalhador da melancia.

Assim que houve a implantação da cultura de melancia em Uruana, muitos imigrantes, principalmente paulistas, chegaram em Uruana com o intuito de explorar as terras férteis que o município dispunha, em síntese Macedo (2001, p. 122) afirma que “é importante situar a manifestação dos paulistas em Uruana, pelo fato da sua importância na organização da região produtiva desenvolvida com ênfase neste município”. A partir da chegada dos paulistas e de imigrantes de outros Estados, houve um crescimento considerável na produção de melancia, tanto que em 2010 Uruana liderava o ranking dos maiores produtores de melancia do Estado e se destacava entre os maiores produtores da fruta no país.

Além disso a inserção do agronegócio da melancia no município de Uruana-GO de fato colocou o município nos trilhos do capital globalizado e somando a divisão internacional do trabalho fez emergir novas formas de trabalhadores principalmente na cidade. Sobre a criação de novos tipos de serviço frente a expansão da economia, Oliveira (1977) destaca:

É evidente que a expansão da economia brasileira traz, em seu bojo, mudanças na divisão do trabalho entre as diversas regiões que compõem o País, além do que esse processo global envolve, ao nível de cada região, uma outra diferenciação social do trabalho (crescimento de atividades secundárias e terciárias em relação as primárias, substituição de atividades artesanais por fabris, criação de novos tipos de serviços). (OLIVEIRA, 1977, p. 40).



Os incentivos governamentais voltados para o Cerrado estimularam diretamente o desenvolvimento agrícola. Com as inovações tecnológicas trazidas pela Revolução Verde sobretudo a partir da década de 1960, a atividade agropecuária foi passando por processos que culminaram na modernização agrícola e na expansão do agronegócio e no crescimento das cidades.

A propósito a implantação da agricultura capitalista moderna em Goiás, além da produção de impactos sociais e ambientais criados a partir da ocupação do bioma cerrado também provocou alterações nas relações de trabalho, isso nos remete a compreender a estudo da categoria trabalho na Geografia, sobre esse assunto Bezerra (2016) destaca:

O tema do trabalho na geografia produzida no Brasil caminha hoje para uma maturidade. Esse estágio de desenvolvimento das questões associadas ao trabalho foi alcançado por um intenso debate que ocorre tanto na academia, mediante uma rica profusão de pesquisas, como também pela extensa articulação com os sujeitos sociais, trabalhadores organizados em sindicatos, movimentos sociais e também parte dos trabalhadores inseridos no universo informal e que vivem experiências laborais muito distintas do imaginário social vinculado ao mundo do trabalho (BEZERRA, 2016, p. 18).

Em relação as alterações nas formas de trabalho e retomando a importância da Geografia do trabalho Thomaz Júnior (2002) destaca que:

A Geografia do Trabalho se põe em cena, para responder as perguntas em relação a realidade. Dessa forma, se não existe diferença em relação ao objeto, é na ação do sujeito que as atenções se voltam. Isto é, em sua expressão geográfica o trabalho pode ser entendido tanto em nível da relação metabólica homem-meio, quanto na dimensão da regulação sociedade-espaco, nas suas diferentes manifestações (assalariado, autônomo, informal, domiciliar, terceirizado, etc.). Isso implica, pois, necessariamente, na discussão das localizações, que, não se limitam ao imediato, ao visível. As categorias de base da Geografia (paisagem, território e espaço) farão as mediações necessárias, atendendo os desafios postos pelo sujeito, que no esforço contínuo de teorização para a concreção de uma Geografia do Trabalho (THOMAZ JÚNIOR, 2002, p. 4).

As relações de trabalho no agronegócio de melancia desde a chegada da fruta no município de Uruana têm apresentado traços do modo capitalista. Podemos citar como exemplo o pagamento recebido pelos trabalhadores, que é resultado de sua produção, seja no plantio, na manutenção da lavoura ou na colheita, quanto maior a produção, mais eles recebem.



Nesse sentido Marx compara o trabalhador como propriedade do capitalista, com traços de aluguel da sua força de trabalho para extração da mercadoria e que no final recebem apenas um valor irrisório fruto do seu valor de uso:

[...] o produto, porém, é propriedade do capitalista, e não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor de um dia da força de trabalho. A sua utilização como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia – pertence-lhe, portanto, durante o dia. Ao comprador da mercadoria pertence a utilização da mercadoria, é o possuidor da força de trabalho dá, de fato apenas o valor de uso que vendeu ao dar seu trabalho (MARX, 2004, pp. 39-40).

O trabalho e a força de trabalho alugada pelo capitalista conforme explicitado passa a ter um valor de uso e valor de troca enquanto o trabalhador nesse momento passa a ser reduzido apenas a uma simples mercadoria. Na opinião de Martins (2013, p. 37):

A primeira etapa da expansão do capitalismo é a produção de mercadorias e não necessariamente a produção de relações de produção capitalista. O processo que institui e define a formação econômico-social capitalista é constituído de diferentes e contraditórios momentos articulados entre si.: num deles temos a produção de mercadorias e a produção da mais-valia organizados de um modo caracteristicamente capitalista, dominado pela mais-valia relativa.

O capitalista toma para si a mais-valia, e o fluxo segue pautado na sequência do aumento da jornada de trabalho, que em consequência provoca um crescimento da mais-valia e da produção. Sobre a produção da mais-valia Marx (1985, p. 138) complementa que:

Por outro lado, porém, o conceito de trabalho produtivo se estreita. A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital (MARX, 1996, p. 138).

No momento em que o capitalista adquire a força de trabalho do trabalhador da melancia, ele começa a lucrar na forma de apropriação da mais-valia, o que justifica o trabalho desenvolvido sem intervalos. Conforme os relatos dos trabalhadores desta pesquisa, o produtor reduz até mesmo as pausas para o período de refeições. Na figura 2 observa-se um momento raro no dia a dia do trabalhador do agronegócio de melancia:

Figura 2 - Trabalhador descansando após concluir o carregamento de melancia



Fonte: autor (2017).

O registro torna-se importante uma vez que configura um momento raro no cotidiano desses indivíduos que vendem sua força de trabalho a produção de melancia. Durante o desenvolvimento desta atividade anterior ao descanso, o peão precisa pegar por vez duas frutas de aproximadamente 15 quilos, uma em cada mão e lançá-la ao cargueiro que está em cima do caminhão. Nesse contexto, o registro acima pode ser comparado a uma dramaturgia social, ao qual a fotografia se faz necessário para eternizar esse momento incomum. Sobre a necessidade da fotografia ou imagem Martins (2014, p. 43), expõe seus pressupostos:

Há uma dramaturgia social que torna a fotografia, a imagem, necessária. A fotografia reforça a necessidade de representar. Nas fotografias, as pessoas fazem supor. Ao mesmo tempo, a fotografia se propõe como apontamento da memória, e não como memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano, na banalização, na secundarização de certos acontecidos, e não se quis perder.

A ausência de luta dos trabalhadores em prol de cobrar do Estado melhores condições de trabalho, faz o Estado caminhar ao lado do capital e criar leis que beneficiam cada vez



mais os capitalistas. Deste modo, o fluxo de precarização do trabalho e do aumento da mais-valia é mantido para os capitalistas, ao passo que o proletário, sujeito às condições impostas pelo agronegócio de melancia permanece explorado e sob o controle da burguesia. Sobre as condições do modo de produção capitalista Bezerra (2016, p. 19) esclarece que:

A dinâmica dos grupos sociais e da ação dos sujeitos, no contexto do modo de produção capitalista, deve considerar a ação social no seu sentido mais amplo ao levar em conta os processos constitutivos dos sujeitos (sua relação espaço-tempo, as formas de metabolismo com a natureza na qual o trabalho exerce centralidade e a interação indivíduo e sociedade), sua organização (leitura da divisão social e territorial do trabalho e a organização política), suas subjetividades (debate sobre a identidade e as diferentes formas de representação social), o peso da ideologia e o potencial dos sujeitos na transformação do mundo.

Dessa forma, o fato dessa exploração e controle do capital sobre o trabalhador do agronegócio de melancia que justifica a sujeição as migrações forçadas, a aceitação da precarização do trabalho, e a exposição a riscos diários de acidentes de trabalho.

As narrativas colhidas a partir das entrevistas com os trabalhadores da melancia, permitiu visualizar o quanto o trabalho no agronegócio de melancia é precário e degradante. As trajetórias dos trabalhadores da melancia contribuem para entendermos sua realidade. Em sua maioria são originários do campo e com pouca escolaridade, assim com a inexistência de outras atividades no município ficam sujeitos a uma das únicas disponível. Tais fatores somados têm contribuído para a precarização do trabalho nesse modelo de agronegócio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os efeitos socioespaciais que a produção de melancia gerou no município, sobretudo a partir da modernização da agricultura provocaram (e ainda provocam) uma reorganização fundiária, produtiva, econômica, política etc. Esta reorganização promoveu diversas melhorias na cidade de Uruana em relação à infraestrutura e aos equipamentos urbanos, como: saneamento básico, pavimentação das ruas, criação de escolas, de áreas de lazer, comércios, hospitais. Porém os trabalhadores que contribuem com esse processo estão sujeitos às condições de trabalho degradantes. Apesar da grande preocupação em modernizar o campo, o trabalhador da melancia foi esquecido, apenas a sua mão de obra barata foi valorizada, tornando assim visível o papel tóxico do capital sobre o agronegócio da melancia. Esses fatores deixam transparecer que a modernização agrícola na região do cerrado é marcada pela



forte presença do capital monopolista, da industrialização da agricultura e da integração do capital agrícola, comercial, industrial e financeiro.

A partir das narrativas dos trabalhadores da melancia, foi possível constatar como o trabalho temporário e informal, bem como a flexibilização imposta pelo capitalismo na fruticultura não explora apenas a terra, mas também o trabalho produtivo que posteriormente originará a mais-valia, fruto da força de trabalho empregada por esses sujeitos no agronegócio de melancia. É nítido o descaso e abandono do capital para com os trabalhadores.

Apesar do trabalho na melancia não ter sido uma escolha desses trabalhadores, e sim ter sido ocasionada por necessidade ou até mesmo, por que não dizer, por obrigação foi possível, a partir das narrativas, perceber que todos os colaboradores demonstram ter orgulho de suas conquistas frente a esse trabalho e por meio de seus modos simples de vivenciar o cotidiano esses trabalhadores buscam reafirmar suas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, a modernização da agricultura contribuiu para tornar mais dificultosa a vida desses indivíduos, principalmente pelo aumento do desemprego em determinada área desse modelo de agronegócio. A falta de escolaridade junto a especialização da produção, uma vez que a cidade não oferece outras oportunidades de trabalho, tornou o empregado dependente desse modelo, fazendo assim assujeitar-se a todas as formas de acordos e riscos de acidente de trabalho para conseguir criar os filhos e garantir o sustento da família.

A trajetória desses trabalhadores foi marcada por lutas desde muito cedo, frente a falta de oportunidades tanto de estudar como de conseguir melhores condições de vida e trabalho. A história oral de vida permite a visibilidade para dificuldades encontradas por esses indivíduos na luta diária e no trabalho árduo do agronegócio de melancia.

A partir da pesquisa identificou-se os anseios, as dificuldades enfrentadas no dia a dia dos trabalhadores da melancia que com pouca escolaridade são submetidos a precarização do trabalho. Ainda foi possível notar que os trabalhadores da melancia que migram para outros estados na ocasião da entressafra em Uruana, são produtos do desemprego na cidade causado pela modernização agrícola. Diante de tanta subjetividade encontrada no agronegócio de melancia, conseguimos enxergar que a problemática acerca desse assunto ainda pode ser estendida em outras pesquisas, ainda há muito o que estudar sobre esses indivíduos. Podemos destacar a questão das migrações forçadas em busca de trabalho em outros estados, a condição de saúde, trabalho e gênero nas lavouras de melancia. A estratégia dos trabalhadores da



melancia frente ao surgimento e expansão da cana-de-açúcar no município de Uruana e ainda análises temporais da expansão do agronegócio de melancia e a degradação ambiental em território uruanense.

Para finalizar, destacamos que é preciso dar visibilidade para esses trabalhadores tão esquecidos pela sociedade civil e capitalista. Afinal, reconhecer esses grupos sociais esquecidos socialmente se torna importante na contemporaneidade. Sendo assim, faz-se necessária a efetivação de ações que visem a valorização desses trabalhadores, que em Uruana só são vistos aos olhos da economia, apenas como geradores de capital.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, J. E.. A Geografia do trabalho em movimento!. In: JÚNIOR, A. T.; Karina Furini PONTE, K. F. da; ALVES, J. (Org.). **Geografia e Trabalho no Século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, 2016, v. 8, p. 11-36.

IBGE. **IBGE - cidades @**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/3AYP>> Acesso em: 02 jul. 2021.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 18 jul. 2021.

LAKATOS. Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MACÊDO, M. de P.. **Uruana e sua dinâmica espacial recente**. Goiânia: Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2001. (237f)

MARTINS, J. S. **O Cativoiro da Terra**. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Volume I, Livro Primeiro, Tomo II. Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl.. Processo de trabalho e processo de valorização. In ANTUNES, R. **A Dialética do Trabalho** – Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

OLIVEIRA, F. de. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro. Graal, 1977.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In.: História Oral. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, nº 3, pp. 117/127, jun.2000.

SANTOS, M. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

THOMAZ JÚNIOR, A.. Por uma Geografia do Trabalho! **Revista Pegada Eletrônica**, v. 3, n. especial. Presidente Prudente. Editorial Centelha, 2002. p. 4-26.